



A RELAÇÃO ENTRE FILOSOFIA E TEOLOGIA NO PENSAMENTO DE PAUL RICOEUR

FREDERICO SOARES DE ALMEIDA¹

RESUMO: Este artigo tem como proposta apresentar a relação entre filosofia e teologia no pensamento de Paul Ricoeur. O pensador francês é considerado um dos grandes filósofos franceses pós Segunda Guerra. Em suas reflexões filosóficas, Ricoeur procurou trabalhar com muitas temáticas que são relevantes para a existência humana. Ele era considerado um filósofo atento as questões de seu tempo. Nesse sentido, buscando compreender o ser humano, Ricoeur irá investigar aquilo que ele mesmo chamava das fontes não filosóficas da filosofia. É nesse contexto que podemos ver como a teologia e a hermenêutica bíblica serão uma preocupação do pensador francês dentro do horizonte de sua filosofia. Dessa forma, o objetivo deste artigo é apresentar a relação entre filosofia e teologia no pensamento de Paul Ricoeur, enfatizando como o pensador francês constrói uma relação respeitosa e profícua entre as duas áreas do saber.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia; Teologia; Religião; Hermenêutica.

ABSTRACT: This article proposes to present the relationship between philosophy and theology in Paul Ricoeur's thinking. The French thinker is considered one of the great post second world war French philosophers. In his philosophical reflections, Ricoeur sought to work with many themes that are relevant to human existence. He was considered a philosopher attuned to his the issues of his time. In this sense, seeking to understand the human being, Ricoeur will investigate what he himself called the non-philosophical sources of philosophy. It is in this context that we can see how theology and biblical hermeneutics will be a concern of the French thinker with in the horizon of his philosophy. Thus, the objective of this article is to present the relationship between philosophy and theology in Paul Ricoeur's thought, emphasizing how the French thinker builds a respectful and fruitful relationship between the two areas of knowledge.

KEYWORDS: Philosophy; Theology; Religion; Hermeneutics.

1. Introdução

Paul Ricoeur é um dos grandes filósofos do século XX que procura lidar ao longo de toda a sua vida com questões relacionadas ao pensamento religioso e a teologia bíblica². Ele não tinha o objetivo de misturar filosofia com teologia. De maneira filosófica, Ricoeur buscava compreender a existência humana e para realizar tal questão, além de recorrer a filosofia, ele

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: fredkrav@gmail.com.

² Este artigo é uma adaptação de uma parte da minha tese de doutorado intitulada: "O problema da antropologia filosófica e suas implicações éticas na filosofia de Paul Ricoeur". O texto completo da tese será publicado como livro em breve.

buscava estudar e entender outras formas possíveis de compreensão da realidade e do ser humano através das fontes não filosóficas da filosofia.

O filósofo francês não escondia de ninguém o fato de ser cristão de tradição protestante. Diante da educação que recebera de seus avós, ele herdou a prática de ler diariamente a Bíblia. Desde cedo, procurava realizar uma leitura não literalista das Escrituras e apreciava textos como os de Salmos, os livros de Sabedoria e das Bem-Aventuranças, que inspirassem a vida cotidiana (RICOEUR, 1995, p. 16).

A religião sempre esteve presente na vida e no pensamento filosófico de Ricoeur, exercendo uma influência muito grande, o que se tornará nítido, sobretudo, no posterior desenvolvimento de seu pensamento. Dessa forma, a proposta do nosso artigo é mostrar como Ricoeur circula entre o campo bíblico e o campo filosófico e como seu pensamento se estrutura dentro dessa dualidade que o acompanha ao longo de toda a sua vida (RICOEUR, 1995, p. 16).

2. A relação entre Filosofia e Teologia no pensamento de Paul Ricoeur

Paul Ricoeur foi educado por seus avós dentro do contexto do pensamento cristão. Vindo de tradição protestante, Ricoeur aprendeu a ter contato com o texto bíblico e durante toda a sua vida buscou extrair desse livro uma mensagem pautada no amor, na graça como um princípio fundamental para a relação com o outro. Percebe-se que a reflexão religiosa desse pensador francês é uma parte fundamental para a compreensão de suas reflexões como pensador. Gilbert Vincent aponta que Ricoeur escreveu inúmeros textos dando bastante atenção ao fenômeno religioso (VINCENT, 2008, p. 11).

Contudo, ele terá o cuidado de não misturar campos ou áreas. Jesús Albertos avalia que Ricoeur apresenta uma postura intelectual com um alto rigor filosófico, com abertura à temática religiosa. Ou seja: o fato de ser cristão não condicionava ou limitava o pensamento desse filósofo, pelo contrário. (ALBERTOS, 2008, p. 34).

Essa análise é verdadeira e tem respaldo textual. Embora marcado profundamente por questões religiosas, como atestam muitos textos de sua vasta produção intelectual, Ricoeur trabalha não para fazer teologia, mas sim filosofia (ALBERTOS, 2008, p. 34). E essa não pode ser compreendida como cristã, pois não procura converter os dados da fé em elementos de uma linguagem especulativa.

Essa atenção do teórico ao fenômeno religioso também será evidenciada por Vincent (2008, p.11), que apontará a simbólica do mal e a teologia da queda como temas explorados por Ricoeur. Olivier Mongin e outros muitos comentadores farão menção à inspiração cristã

desse filósofo francês, a qual, por ele, nunca foi negada, *et pour cause* (MONGIN, 1994, p. 204).

O teólogo jesuíta francês e grande especialista na filosofia de Paul Ricoeur Alain Thomasset menciona que a obra de Ricoeur é dedicada, em cerca de uma dezena de ensaios, à questão religiosa (THOMASSET, 1996, p. 230). Ele também sustenta: embora a filosofia desse pensador francês seja marcada fortemente pelo pensamento cristão, não se pode esquecer que ele trabalha o não filosófico como um filósofo. Sua escrita é rigorosamente filosófica.

Paul Ricoeur não substitui a fé pela razão e nega a subordinação da razão à fé. Tudo somado, ele opta por abordar o horizonte religioso e bíblico como filósofo, jamais como teólogo ou biblista. Essa escolha não diz respeito a uma suposta rejeição ou erros concernentes a perspectivas, mas à realização de intento que Ricoeur já considerava desde os tempos do liceu. Conforme François Dosse:

Ricoeur começa por traçar os limites da filosofia, que são os da razão, e é assim que ele pode deixar lugar à acolhida do pensamento teológico como o Outro da filosofia e se deixar interpelar por esse Outro para construir uma inteligência da fé. Assim, o filósofo, cujo *logos*, tem raízes na tradição grega, pode abrir-se para a herança judaico-cristã e pensar sobre sua articulação (DOSSE, 2012, p. 225-226, tradução nossa).

É necessário pontuar que essa articulação não é feita de forma rápida e nem pode ser vista como simples ou fácil, mas será entendida sempre como inconclusa, numa constante tensão entre a finitude do questionamento e o infinito do ser. Percebemos que no percurso seguido por Ricoeur a filosofia e a teologia não são reduzidas a uma mera justaposição ou concordância.

Elas são consideradas em suas singularidades. Isto é: um campo jamais recobre a singularidade do outro. É por isso que a produção desse pensador, no campo teológico, é descrita como a fonte não filosófica de sua filosofia. Refletindo sobre a própria produção, ele mesmo assume ter tido “a preocupação – ao viver uma espécie de dupla fidelidade – de não confundir as duas esferas, de fazer justiça a uma negociação permanente no seio de uma bipolaridade bem instalada” (RICOEUR, 1995, p. 16, tradução nossa). Em Ricoeur, há uma impossível totalização que se remete a uma abertura para um horizonte de expectativa, um horizonte de esperança, o qual será qualificado como poética.

Para compreender o lugar que a religião ocupa no pensamento de Ricoeur, é necessário recorrer à sua própria obra e apoiar-se nas inúmeras passagens consagradas ao assunto ou nas pistas indiretas lá deixadas, como no trecho a seguir:

Quanto à intranquilidade, tendo a relacioná-la com o conflito que existe dentro de mim entre a minha educação protestante e a minha forma intelectual. A primeira, aceite [*sic*] sem reservas, guiou-me em direção a um sentimento que identifiquei muito mais tarde quando da leitura de Schleiermacher, como sendo um sentimento de

“dependência absoluta”; desempenhando as noções de pecado e perdão um papel importante, com certeza, mas estando longe de serem as únicas. Mais profundo, mais forte que o sentimento de culpa era a convicção de que a palavra do homem tinha sido precedida pela “Palavra de Deus” (RICOEUR, 1997, p. 50-51).

A filosofia pode ser entendida como um discurso autônomo que tem como objetivo compreender a totalidade da experiência humana. Sendo assim, ela não pode excluir a religião do seu campo de investigação. Em Ricoeur, entretanto, existe uma preocupação em reconhecer, dentro dos limites estabelecidos pela filosofia, a importância do pensamento religioso como uma das fontes de constituição da identidade humana.

Vitor Chaves de Souza, em sua obra *A dobra da religião em Paul Ricoeur*, relata que o vasto trabalho de produção realizado por esse filósofo francês mostra a presença constante, durante seu exercício acadêmico, da teologia e da religião como preocupações não filosóficas da filosofia (SOUZA, 2017, p. 16). A grandeza da obra de Ricoeur nesta área talvez não seja tão conhecida ao público da filosofia em geral. Para Vitor Chaves de Souza:

Se considerarmos os números, no *Fonds Ricoeur* – fundação dedicada à preservação e divulgação da obra de Paul Ricoeur, [...], até 2012, encontram-se disponíveis exatos 768 textos em forma de artigos publicados por Ricoeur. Dentre estes, um vasto material [...] é dedicado ao estudo da teologia, hermenêutica bíblica, mito, símbolo e linguagem religiosa (SOUZA, 2017, p. 16).

Toda essa importância dada por Ricoeur ao horizonte teológico-religioso revela, ao longo de todo o conjunto de sua obra, que a tradição filosófica confirma a importância reconhecida, mesmo provisoriamente, à religião, não apenas na experiência humana, mas também na gênese e na autonomização da filosofia.

Nessa tradição, a vivacidade da polêmica anti-religiosa é uma confirmação indireta do que acaba de ser afirmado (VINCENT, 2008, p. 14). Isso nos autoriza a pensar que podemos fazer filosofia ao buscar a companhia da ciência, bem como das artes e, também, da religião, tal qual ocorre desde o mundo antigo.

Ricoeur situa-se dentro da tradição reformada do protestantismo. No contexto francês, os jovens pensadores protestantes serão marcados profundamente pela reflexão teológica de Karl Barth. Essa influência fica cada vez mais perceptível por ocasião da Segunda Guerra, já que Karl Barth foi um grande opositor ao nazismo (DOSSE, 2018a, p. 56). Toda uma gama de jovens teólogos e pensadores protestantes franceses de esquerda é influenciada por esse profetismo político, por ele elaborado, que o levou não só a combater o nazismo, mas a renovar profundamente os estudos bíblicos. Para Barth, a dialetização do profético e do político passa pelo problema do mal, problema humano por excelência e, também, bíblico e teológico.

No pensamento de Barth, repensar a política e a economia implica na reconstrução do viver junto. Isso implica engajamentos, mundo afora, que estarão muito presentes no contexto protestante francês, como dito, após a Segunda Guerra. Ricoeur é um desses jovens pensadores que se espelha nas ideias de Barth (DOSSE, 2018a, p. 56). Isso fica evidente no texto que ele irá escrever em 1948, *Christianisme prophétique*. De um lado a fé cristã implica uma inserção no mundo e um projeto político, e de outro lado, não existe entre a fé cristã e a política uma relação necessária, mas um hiato.

Segundo Jesús Albertos, Karl Barth é um dos principais mestres de Ricoeur. Esse, a partir daquele, é motivado a compreender que a origem da fé se encontra na palavra do “Outro”, e que o ser humano pode negar-se ou afirmar-se nela (ALBERTOS, 2008). Em Ricoeur, há ainda certa aproximação com a concepção antropológica de Barth, especialmente em relação à abertura do homem à transcendência.

Na temática do mal, em seu duplo aspecto bíblico e humano, em meio à experiência comum, pode-se ver uma correspondência na postura de ambos. Eles partem do entendimento de que existe uma racionalidade a ser encontrada e uma situação de cegueira. A partir desse ponto, não é possível falar do mal além do nível da experiência pessoal e à luz da fé (ALBERTOS, 2008, p. 38).

Dessa forma, a fé se transforma em um guia para a possível reflexão de experiências que fogem de uma possível argumentação racional, não podendo ser totalmente assimilada ou se tornar transparente ao seu crivo. Ricoeur faz da temática do mal e da experiência com esse a porta de entrada para o horizonte do religioso, discorrendo, assim, um véu de mistérios e artigos de fé.

Ele analisa diversas questões relacionadas com a linguagem religiosa, com a filosofia da religião e com a hermenêutica bíblica. Segundo ele, nos livros sagrados, o que é revelado, descoberto e manifesto é o Outro, que comunica com o ser humano por meio de distintos textos e símbolos formadores do grande código: a Bíblia.

Ricoeur através da hermenêutica busca lidar com a temática da linguagem religiosa. A linguagem religiosa pode ser vista como um tema de investigação filosófica. Ela pode ser discutida como uma linguagem que dá a pensar e que é compreendida como uma parte da poética geral. Isso porque seu funcionamento se dá por meio da estrutura simbólico-metafórica.

Para o filósofo francês, a linguagem religiosa de maneira geral e a linguagem bíblica de forma particular devem ser encaradas como linguagem metafórica. A metáfora é compreendida

como o processo retórico por meio do qual o discurso libera o poder que algumas ficções têm de redescrever a realidade (RICOEUR, 1975, p. 11).

Logo, a interpretação da linguagem bíblica deve ser vista e considerada como um modelo hermenêutico dentre outros. A filosofia como um discurso autônomo que busca compreender a totalidade da experiência humana não pode deixar de lidar com a religião no seu campo de investigação (VINCENT, 2008, p. 13). Ricoeur está ciente disso e, por meio da via longa, elabora uma hermenêutica do símbolo (RICOEUR, 1978). Ou seja: para tratar do ser humano, ele recorre à linguagem simbólica. Nesse contexto, podemos afirmar que ele destaca três quesitos fundamentais à filosofia: ela deve ser autônoma e crítica; não deve ter absolutos e deve buscar lidar com a antropologia.

Ricoeur observa que Heidegger trilha o caminho da via curta dentro do horizonte de fundação da hermenêutica na fenomenologia. Para ele, essa via pode ser entendida como uma ontologia da compreensão, à maneira de Heidegger. Chega-se até a via curta por meio de uma súbita inversão da problemática. Conforme Ricoeur:

A questão: em que condição um sujeito que conhece pode compreender um texto, ou a história? é substituída pela questão: o que é um ser cujo ser consiste em compreender? O problema hermenêutico torna-se assim uma província da Analítica desse ser, o *Dasein*, que existe ao compreender (RICOEUR, 1978, p. 8).

Ricoeur questiona a possibilidade de se fazer uma ontologia direta, “imediatamente subtraída a toda a exigência metodológica, subtraída, por consequência, ao círculo da interpretação de que ela própria constitui a teoria” (RICOEUR, 1978, p. 8). Aqui, já se pode perceber como Ricoeur vai na contramão da hermenêutica heideggeriana, ao trilhar o caminho da via longa.

O filósofo francês, diferentemente de Heidegger, não acredita que a compreensão de si é adquirida de forma imediata por meio de uma análise do ser no mundo. Isso porque essa precisaria passar pela mediação da interpretação das obras nas quais o ser humano se manifesta.

Nesse sentido, a hermenêutica se torna fundamental para o processo de decifração do símbolo religioso. É necessário pontuar que a hermenêutica filosófica pensada por Ricoeur apresenta uma relação complexa e mútua com sua hermenêutica bíblica. Ricoeur pontua que:

[...] a hermenêutica bíblica é apenas uma das aplicações possíveis da hermenêutica filosófica a uma categoria de textos. No entanto, isso é apenas metade da minha hipótese de trabalho. Parece-me, antes, que existe entre as duas hermenêuticas, uma relação complexa de inclusão mútua. É verdade que o primeiro movimento vai do polo filosófico ao polo bíblico. São as mesmas categorias de obra, de escrita, de mundo do texto, de distanciação que regulam a interpretação aqui e ali (RICOEUR, 1986, p. 119, tradução nossa).

Dessa forma, a hermenêutica bíblica pode ser entendida como uma hermenêutica regional em relação à hermenêutica filosófica, pensada e constituída como uma hermenêutica

geral. A hermenêutica teológica revela características bastante originais que existe uma inversão na relação entre elas, subordinando-se, finalmente, à hermenêutica teológica à hermenêutica filosófica como o seu próprio *organon* (RICOEUR, 1986, p. 119). A hermenêutica bíblica é vista como uma hermenêutica regional em relação à hermenêutica filosófica, constituída em hermenêutica geral.

Ainda sobre a relação entre filosofia e teologia no pensamento de Ricoeur, não podemos esquecer de mencionar que o filósofo francês não buscou desenvolver uma teologia natural. Ele não deve ser visto como um promotor de uma filosofia da religião e nem como um filósofo que procurou construir um discurso tendo como base a ontoteologia. Como filósofo, ele não apresenta nenhuma preocupação em relação à existência ou não de Deus, mas sim com a nomeação desse em textos e em tradições, sejam essas gregas ou bíblicas. Ricoeur deve ser entendido como um pensador que propõe um modelo hermenêutico de filosofia da religião.

Destarte, em Ricoeur não pode existir uma filosofia que não leve em consideração o pensamento religioso, entendido como uma das formas de mediação para a existência humana. Com isso, não se quer dizer, ao contrário do que se pensa, que a filosofia necessitará da teologia ou do pensamento religioso, mas sim que, se a filosofia busca analisar a existência humana em sua totalidade, ela não poderá virar as costas para o fenômeno religioso como evento capaz de dar sentido para a vida humana, o qual norteia a leitura dos adeptos a esse discurso ou a essa forma de crença.

Portanto, retomamos: por mais que leve em conta o pensamento religioso e a teologia cristã, Ricoeur não pode ser confundido como um filósofo cristão. Ele mesmo afirma:

Não sou um filósofo cristão, segundo o boato corrente, num sentido voluntariamente pejorativo, se não discriminatório. Por um lado, sou filósofo, simplesmente, inclusive filósofo sem absoluto, preocupado com, fadado a, versado na antropologia filosófica, cuja temática geral pode ser posta sob o título de antropologia fundamental. Por outro, sou um cristão de expressão filosófica, como Rembrandt é pintor simplesmente e cristão de expressão pictórica, e Bach músico simplesmente e cristão de expressão musical (RICOEUR, 2012, p. 65).

Diante dessa questão, reafirmamos que Ricoeur foi bem-sucedido no seu empenho de desenvolver uma espécie de um agnosticismo metodológico com o intuito de não misturar filosofia com teologia (RICOEUR, 1990, p. 36), procurando estabelecer um discurso filosófico autônomo, conforme ele mesmo diz e sustenta por mais de uma vez.

Esse agnosticismo metodológico assumido por Ricoeur pode ter sido impulsionado pelo efervescente cenário francês, contemporâneo a esse pensador, no qual se dava o crescimento de uma forma de pensar laica e crítica à religião, sendo essa mais ainda presente ao longo do século XX, evidenciada em grandes nomes da cena intelectual francesa, como Sartre, Foucault,

Deleuze, Claude Lévi-Strauss e outros, que ocuparam o espaço do debate público na França, sendo bastante críticos em relação ao pensamento religioso.

Naquele contexto, Ricoeur era acusado por Sartre, em um tom debochado, de ser um pastor da fenomenologia (REAGAN, 2011, p. 229). Ademais, Sartre contribuiu para manter Merleau-Ponty distante de Ricoeur, para a decepção pessoal. É o que mostra Dosse:

O cristianismo militante de Ricoeur, sua participação ativa na revista *Esprit* tornam delicada uma relação de grande proximidade. Merleau-Ponty conservou-se, pois, à distância. Muito certamente, Sartre contribuiu para manter Ricoeur longe de Merleau-Ponty. O caráter militante da revista *Les Temps Modernes* no clima intelectual do pós-guerra favoreceu o afastamento de Ricoeur, já que era considerado por Sartre como uma espécie de padre que se ocupava da fenomenologia (DOSSE, 2012, p. 61, tradução nossa).

O filósofo francês também enfrentará problemas com Lacan e seus discípulos no campo da psicanálise. Quando, nos anos sessenta, pública *De l'interprétation, essai sur Freud*, Lacan esperava reconhecimento de suas teses. Ricoeur, porém, retoma Freud sem passar por Lacan, que na época (1965) era o grande intérprete da psicanálise no contexto francês. A respeito disso, Ricoeur relata o seguinte episódio:

Eu me lembro de ter regressado de uma tarde e de ter dito à minha mulher: “Venho do seminário e não compreendi nada!” Nesse momento o telefone tocou; era Lacan, que me perguntava: “Que pensou do meu discurso?” Respondi-lhe: “Não compreendi nada.” Ele desligou brutalmente (RICOEUR, 1995, p. 109, tradução nossa).

Ricoeur, com a publicação de sua obra sobre Freud, é ridicularizado publicamente por Lacan e, posteriormente, pelos seus discípulos. Lacan queria ser reconhecido na obra de Ricoeur, como comentado, e, agravando as coisas, seus discípulos passam a dizer que a leitura que Ricoeur desenvolveu sobre Freud era um plágio das teses de Lacan.

Naquele contexto dos anos 1960, essas tentativas de desqualificação alcançarão bastante êxito. Impotente, num meio hostil a tudo que sugerisse ou exalasse religião, Ricoeur será fortemente afetado por essa empreitada que o colocará, por muito tempo, à margem da vida intelectual francesa, sendo “designado como representante de uma corrente espiritualista retrógada que nada compreendeu da revolução estruturalista em curso” (DOSSE, 2012, p. 100, tradução nossa). Em suma, a decepção de Lacan e a espera dele por um reconhecimento que o glorificasse resultaram na pormenorização e tentativa de exclusão de um dos filósofos mais importantes de nossa história recente.

Sustentamos, neste artigo, a predominância de rigor filosófico, com o fim de se evitar a mistura entre filosofia e teologia nas reflexões de Ricoeur. Tal pensador se assenta sobre o princípio do agnosticismo metodológico e, ao mesmo tempo, volta-se para uma preocupação constante, frente ao contexto francês de seu tempo, em que suas obras são inscritas: a de não ser visto como um filósofo a fazer meramente teologia.

Dito isso, compreendemos a existência de uma interação tensionada entre teologia e filosofia no pensamento ricoeuriano. Isto é: como filósofo, respeitando a autonomia de cada método, estabelece em seu pensamento uma relação de reciprocidade e de muitos pontos de contato entre a filosofia e a teologia, porém sem assimilá-las, nem mais nem menos do que aconteceria na relação da filosofia com as artes ou as ciências. A respeito disso, François Dosse argumenta:

Ricoeur, tanto do lado de suas intervenções filosóficas quanto de seus trabalhos exegéticos, se esforçará para rejeitar tudo o que poderia apresentar como uma forma de fundacionalismo redutor, seja especulativo, conceitual ou teológico. É um diálogo entre esses dois campos que ele aspira. Esse diálogo não pode se instituir sem essa alteridade principal, sem essa diferenciação bem marcada entre os dois polos que animam com o mesmo vigor um pensamento para sempre dedicado à incompletude (DOSSE, 2001, p. 653-654, tradução nossa).

É importante pontuarmos que Ricoeur constrói uma fronteira entre seu pensamento filosófico e sua reflexão teológica. Essa representação da fronteira é fundamental para se falar e tratar dessa relação entre duas áreas distintas. Isso porque Ricoeur procura respeitar os limites concernentes aos seus dois campos de estudo. Assim sendo, mesmo que esse filósofo tenha realizado um grande trabalho na teologia, não podemos dizer que existe uma virada religiosa em seu pensamento (VINCENT, 2008, p. 45).

Em análise da produção ricoeuriana, Peter Kenny observa três etapas: a primeira se refere ao início da carreira do filósofo francês, quando os limites entre filosofia e teologia ainda não eram bem delimitados e as fronteiras entre esses dois campos seriam notoriamente fluídas e confusas. A segunda etapa, por sua vez, engloba esse rigor filosófico, o qual estabelece demarcações que, em nome do agnosticismo metodológico, passariam a ser evidentes na obra ricoeuriana; e a terceira etapa corresponde àquela a qual, sem se desdizer, Ricoeur se sentiria livre para envolver quaisquer dois caminhos ou campos (KENNY, 2004, p. 92-102).

Ricoeur, no final de sua jornada, admite ter assumido e se arriscado no lugar de interseção “entre a convicção e a crítica” (RICOEUR, 1995, p. 211). Todavia, entendemos que ele não escureceu sua água de fenomenólogo nas relações com a teologia. Isto é: não iremos ver, em momento algum, ao longo da sua obra, qualquer vestígio da menor apologética, mas, pelo contrário, a constante humildade de não impor nada, embora investigando, com a mesma exigência, os domínios situados de uma parte a outra da fronteira.

Percebemos que entre as exigências filosófica e religiosa (teológica), não há uma separação hermética. Logo, toda a tradição herdada por Ricoeur do calvinismo leva-o a ressoar os dois horizontes de uma forma mais justa ou equilibrada, digamos assim. A filosofia lhe dará um alto rigor conceitual no domínio do campo exegético, já sua tradição bíblica enraizada lhe oferecerá mais respaldo à sua reflexão filosófica. Do lado religioso, Ricoeur tem o cuidado de

desmitologizar e de fixar todas aporias e os limites do pensar filosófico, descortinando, assim, o poético.

Dessa maneira, não se pode opor na obra desse autor francês, de forma arbitrária, uma espécie de racionalidade que seja aplicada somente ao domínio da reflexão filosófica e que viria a se justapor a um tipo de fideísmo religioso. Do lado filosófico, ele tem o cuidado de manter um e outro, o que sustenta o caráter quebrado de toda a sua ontologia, sem nunca poder subsumir integralmente os dois campos da experiência humana.

Portanto, em sua ótica, não se trata de reduzir a fé à aceitabilidade racionalista e nem autorizar a razão para inquirir e ratificar dimensões transcendentais da experiência. A hermenêutica de Ricoeur irá se estender em uma exegese bíblica, de tal sorte que a sua circularidade entre os dois horizontes se dará no interior de uma fenomenologia da religião que, para ele, somente é possível sob a condição de se equiparar com o estatuto de imediatidade que pode reivindicar as atitudes e os sentimentos da estrutura do chamado e resposta do religioso. Essa perspectiva contribuirá para conduzir o fenomenólogo à mediação da linguagem e da cultura, à medida que ele se relaciona com a hermenêutica, autorizando o filósofo a inquirir a co-pertença e a distinção dos dois campos.

3. Conclusão

Concluimos que Ricoeur, por razões culturais e institucionais, evitou, por muito tempo, misturar, em seu trabalho, aspectos religiosos, assumindo qualquer atitude doutrinal ou confessional. Isso mostra que existe, no pensamento desse filósofo, uma fidelidade à reflexão filosófica, o que ocorre, em especial, nas duas últimas fases de seus escritos.

O envolvimento de Ricoeur com o pensamento teológico, enquanto uma fonte não filosófica de sua reflexão, não busca estabelecer a religião como um fim ou como uma meta da própria filosofia, mas indica que essas duas áreas podem coexistir de forma reflexiva dentro da própria ambiguidade. Ricoeur não oscila entre filosofia e teologia ou entre teologia e filosofia sem que os limites estejam bem demarcados. Ainda assim e assumindo certo tipo de agnosticismo, o qual o manteve fiel à reflexão filosófica, esse pensador francês esclarece:

Eu realmente queria ser reconhecido como um professor de filosofia, que ensinava filosofia numa instituição pública e falando o discurso comum, portanto, com todas as reservas mentais, inteiramente assumidas, que isso supunha, pronto a deixar-me acusar periodicamente de ser um teólogo disfarçado que filosofa, ou um filósofo que faz pensar ou deixa pensar o religioso. Eu assumo todas as dificuldades desta situação, inclusive a suspeita de que, na realidade, não terei conseguido manter essa dualidade tão estanque. [...] as minhas duas fidelidades escapam-me sempre, mesmo se por vezes elas acenam uma à outra (RICOEUR, 1995, p. 227-228, tradução nossa).

Dito isso, podemos compreender que, no pensamento de Ricoeur, há constantemente uma tentativa de andar pelo caminho da teologia e da religião de forma totalmente filosófica. Ou melhor: o trabalho de Ricoeur nesses dois campos sempre foi o de um filósofo, levando-nos tanto a uma antropologia filosófica quanto a uma filosofia da religião. Como os estudiosos já notaram, malgrado suas reservas, na obra ricoeuriana, todo esforço realizado para estabelecer limites entre áreas distintas passa pelo objetivo de não transformar a filosofia em um espaço profético e não resumir a religião a um projeto filosófico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLUNDELL, Boyd. *Paul Ricoeur between Theology and Philosophy*. Indiana: Indiana University Press, 2010.
- DOSSE, François. *Paul Ricoeur – les sens d’une vie*. Paris: La Découverte, 2001.
- _____. *Paul Ricoeur – Un philosophe dans son siècle*. Paris: Armand Colin, 2012.
- _____. *La saga des intellectuels français 1944-1989*. I. À l’épreuve de l’histoire 1944-1968. Paris: Gallimard, 2018a.
- _____. *La saga des intellectuels français 1944-1989*. II. L’avenir en miettes 1968-1989. Paris: Gallimard, 2018b.
- GREISCH, Jean. *Paul Ricoeur L’itinérance du sens*. Grenoble: Éditions Jérôme Millon, 2001.
- KENNY, Peter. “Conviction, Critique and Christian Theology”. In: *Memory, Narrativity, Self and the Challenge to Think God: The Reception within Theology of the Recent Work of Paul Ricoeur*. Munster: LIT Verlag, 2004, p. 92-102.
- MONGIN, Olivier. *Paul Ricoeur*. Paris: Éditions du Seuil, 1994.
- REAGAN, Charles. “Conversations with Paul Ricoeur”, In: VERHEYDEN, J., HETTEMA, L. L., VANDECASTEELE, P. *Paul Ricoeur – Poetics and Religion*. Leuven/ Paris /Walpole: Uitgeverij /Peeters, 2011, p. 229.
- RICOEUR, Paul. *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Trad. M. F. Sá Correia. Porto: Rés-Editora, 1978.
- _____. *La métaphore vive*. Paris: Éditions du Seuil, 1975.
- _____. *Du texte à l’action*. Essais d’herméneutique II. Paris: Éditions du Seuil, 1986.
- _____. *Soi-Même Comme un Autre*. Paris: Éditions du Seuil, 1990.
- _____. *La critique et la conviction*. Entretien avec François Azouvi et Marc de Launay. Paris: Calmann-Lévy, 1995.
- _____. *Da Metafísica à Moral; seguido de Paul Ricoeur, “Autobiografia intelectual”*. Trad. Sílvia Menezes e Antonio Moreira Teixeira. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- _____. *Vivo até a morte*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

SOUZA, Vitor Chaves. *A dobra da religião em Paul Ricoeur*. Santo André: Editora Kapenke, 2017.

THOMASSET, Alain. *Paul Ricoeur Une Poétique De La Morale – aux fondements d’ une éthique herméneutique et narrative dans une perspective chrétienne*. Leuven: Leuven University Press / Press Universitaires de Louvain, 1996.

VINCENT, Gilbert. *La Religion de Ricoeur*. Paris: Les Editions de L’atelier, 2008.